Decepções nos Relacionamentos Amorosos

Tão pouco tive mais sorte no amor do que na amizade.

Toda a exclusividade do mundo não pode excluir donzelas interessantes e bonitas, e essas não faltavam, mesmo em Pentonville.

Sempre há uma donzela bem mais bonita e interessante que as demais – como Esmeralda entre as damas do Hotel de Gondelaurier. Havia uma donzela em Pentonville, ou melhor, perto de Clerkenwell. No entanto, sua posição social era de tanta humildade (como a de Esmeralda), que mesmo o mais limitado teria a atraído! Ela era de uma família numerosa, e vendiam tripas e pés de porco, e comida para gatos e cães, numa loja muito pequena em frente ao muro ocidental da Casa de Detenção de Middlesex. Ela era a mais velha e a mais ocupada, sendo a responsável por pobre balcão. Ela era uma das damas da Natureza, uma das deusas da Natureza – uma rainha! Sobre isso, eu tinha certeza de que toda vez que passava pela sua loja, mesmo timidamente, encontrava seu olhar gentil, franco e inquieto. Estava chegando um momento em que eu deveria superar minha timidez e dizer a ela que, entre todas as mulheres, para mim era a mulher indispensável, absolutamente indispensável, para que nós dois nos tornássemos um – imediatamente! Sem demora! Para sempre!

Contudo, antes que eu pudesse me decidir em fazer isso, ela se casou com outra pessoa e nunca trocamos uma única palavra!

Se ela estiver viva hoje, deve estar idosa – onde quer que esteja e qualquer que seja sua posição na vida, tenho certeza que é uma mulher boa e bonita. Se ela ler esse livro, o que não é muito provável, possa ela aceitar esse pequeno tributo de um admirador desconhecido; para quem, tantos anos atrás, embelezou e tornou poética a rua monstruosa que ainda limita a Casa de Detenção de Middlesex, pelo lado oeste; e ela pode tentar não pensar tanto

nisso, porque, desde então, seu escritor está do lado errado daquela parede comprida e vazia, daquele portal sombrio onde a face agonizada de pedra olha para a favela desolada:

"Per me si va tra la perduta gente ...!"[1]

Depois dessa decepção, adquiri um cachorro grande (como Byron, Bismarck e Wagner), mas não com o espírito de emulação. Na verdade, nunca tinha ouvido falar de Bismarck ou Wagner naqueles dias, nem de seus cães, e havia perdido minha paixão por Byron e qualquer desejo de imitá-lo de alguma maneira; era simplesmente pela falta de gostar de algo, e isso certamente me elevaria minha autoestima novamente.

Ele não era um cachorro grande quando eu o comprei, mas apenas uma bolinha felpuda marrom clara, mais para o laranja acastanhado que eu podia carregar com um braço. Ele me custou todo o dinheiro que eu havia economizado para uma viagem de férias a Passy. Eu tinha visto seu pai em

[1] N.T.: 'Por mim se vai a gente condenada.! – A inscrição da porta do inferno na obra Divina Comédia – Inferno – Canto III, de Dante Alighieri.

uma exposição de cães, um campeão São Bernardo, e achava que valeria a pena viver com um companheiro assim; porém, seu preço foi de uns R$ 3000,00. Quando vi o filho dele irresistível, de apenas seis semanas, e soube que ele custava apenas um quinquagésimo do valor de seu pai, senti que Passy devia esperar e me tornei seu dono.

Dei a ele o melhor que o dinheiro podia comprar – leite de verdade a R$ 4,00 o litro, três quartos de leite por dia, penteava seu pelo todas as manhãs, lavava-o três vezes por semana e matava todas as pulgas uma a uma – um trabalho de amor. Eu o pesava todos os sábados e descobri que ele aumentava de seis a nove gramas por semana; e seu poder de afeição aumentou conforme a medida de seu peso. Batizei-o de Porthos, porque ele era muito grande, gordo e alegre; mas em seu rosto nobre de filhote e seus lindos olhos patéticos já previa para sua meia-idade aquela grandeza distinta e melancólica que caracterizava o sublime Athos, Conde de la Fère[2].

Ele foi uma alegria. Era bom ir dormir à noite e saber que ele estaria lá de manhã. Sempre que íamos passear, todos se viravam para olhá-lo e admirá-lo, e perguntar se ele tinha bom humor, a que raça pertencia e com o que eu o alimentava.

[2] N.T.: Um dos Três Mosqueteiros

Porthos e seu senhor acompanhante

Ele se tornou um monstro de tamanho – um monstro bonito, brincalhão, gracioso e mais afetuoso, e eu, seu feliz Frankenstein, me parabenizei pela posse de um tesouro que duraria pelo menos doze anos, ou mesmo catorze, com o cuidado que eu pretendia tomar. Contudo, veio a falecer de cinomose, aos onze meses de idade.

Não sei se os cachorrinhos causam tanto sofrimento quando morrem como os grandes; mas decidi que eu não deveria ter mais cães – grandes ou pequenos.

****